



SOCIEDADE ELEGANTE DO PORTO: Sr.^a D. Maria Adelaide de Magalhães e Menezes d'Abreu e Novaes
 (cliché Alvão, do Porto).

Segunda série — N.º 459

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 7 de Dezembro de 1914

Director: J. J. DA SILVA GRACA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.^{da}
 Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAHHA:

Redação, administração, offic. de composição
 e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
 O SEculo

Trimestre...	1820	cent.	Numero avulso
Semestre...	2840		
Ano.....	4880		10 centavos

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8



Os Gramofones com a marca acima são verdadeiras orquestras, dão o conforto e a alegria de uma casa. Possuil-os é possuir um teatro lirico. pois se ouvem n'elles todas as celebridades musicaes que só n'ele imprimem a sua arte e a sua voz. Visitem o deposito na

67, RUA D'ASSUNÇÃO, 67, 1.º
Representante: FRANCESCO STELLA

TELEPHONE N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 RUA DO OURO, 281 JOAQUIM B. ALVES
 LISBOA

SAUDE, FORÇA, ENERGIA
 Molestias dos Paizes quentes.
FERRO
QUEVENNE
 CURA: ANEMIA, FERREIS, DEBILIDADE
 Activo, hygienico, economico, inalteravel.
 Este "Selle de Union de Fabricants"

Inglez pratico
 O NOVO METODO
Inglez em 15 dias
 Sem livros, sem estudo, com pronunciação ligada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 70 réis. Curso completo 500 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 500 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importancia em vale do correio a Mr. F. Alexander.
 95, Rua Nova do Almada, 97. D.
 LISBOA

Nizella
 O MELHOR SABONETE

PLANTAL AS NOSSAS ARVORES
 COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & FILHOS
 HORTICULTORES
 S-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
 CATALOGOS GRATIS

Epil'vite
Epil'vite
Epil'vite
CRÈME DEPILATORIO
 pronto a empregar
 Efeito garantido.
 Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.
 Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. - Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos.
 REPRESENTANTE: JULES DELIGANT
 15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS E FRANCO
 Remetem-se Folhas para escolher.
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Perfumaria
Balsemão
 141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
 TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

A Fotografia das côres
 com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 459

7-12-1914

Marcha nupcial

Os jornaes noticiaram ha dias o caso d'uma noiva que, acompanhada do seu respectivo cortejo nupcial, aguardou na egreja, durante largas horas, o noivo que não appareceu. Uma commissão de dedicadas amigas da donzella percorreu varios locais da cidade, em procura do joven prometido. Na sacristia, sob o perfumado veu, os lindos olhos da meni-



na brilhavam, vermelhos de lagrimas e uma senhora edosa passeava, afflita, a sua malogra da aspiração de sogra. Os convidados entre olhavam-se; o padre murmurava rezas; a tarde caía — e o noivo não chegava. Dispersou-se o cortejo. A noiva soltou um suspiro maior, escondeu mais o rosto na gaze branca e recolheu a casa. — E do episodio singular, na madrugada seguinte, restavam apenas uma pobre flor de larangeira, esquecida e murcha e um delicado copo d'agua... que gelava. Não teve quem o tomasse.

Espionagem

No largo de Camões, fa policia prendeu um homem loiro, andrajoso, sujo — e coxo. Encarcerou-o, sob a accusação temivel de espião da Alemanha. Que estaria ele a espiar em roda do Camões? Até que o caso se averigue, resta-nos só registar que, enquanto os exercitos germanicos esbarram, aniquilados, na Flandres, ante a formidavel resistencia do exercito franco-anglo-belga e, cedem, vencidos, no outro extremo da guerra, deante do esforço russo, a espionagem do Kaiser principia a coxeiar por este mundo. Coincidençias admiraveis do destino! Na hora tremenda em que o militarismo prussiano começa na Europa a encolher as pernas, a espiagem alemã,

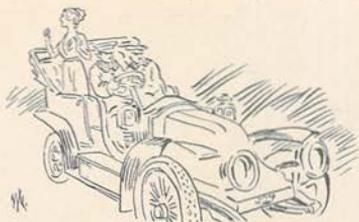


atacada de reumatismo, sente-se peor da perna...

A Grã-Duqueza

! No *Homme Enchainé*, Clemenceau publica um artigo admiravel sobre essa joven Grã-Duqueza de Luxemburgo que, ao ter conhecimento de que as tropas do Imperador avançavam sobre o seu territorio, prontas a invadi-lo e a vio'ar a sua neutralidade, se fez conduzir, velozmente, á fronteira e, atravessando o seu automovel na ponte que separa o Luxemburgo da Alemanha, aguardou, de pé, sósinha,

impassivel, a onda devastadora e barbara dos exercitos. Deante d'essa rapariga de vinte anos, indefeza e heroica, os soldados imperiaes hesitaram um segundo. Um marechal convidou-a, em nome do poderoso Kaiser, a retirar o seu automovel, dando livre passagem ao invasor. A Grã-Duqueza fica imóvel e muda, como um desafio. Uma ordem corta o ar, silvando. Os soldados erguem sobre a loira heroína as suas mãos brutaeas e levam-na, em chajrola, deante de si, até ao palacio grã-ducal, onde a



aprisionam e d'onde a mandam, prisioneira ainda, para a Baviera. Mais d'um mez depois, libertam-na. A pequenina Grã-Duqueza volta ao seu Estado e o seu primeiro gesto, ao sentir-se livre, é ainda de protesto, escrevendo e assinan lo esta proclamação, cheia de impavida e altiva confiança: «Os nossos direitos foram desprezados, mas serão mantidos. O Luxemburgo deve e quer continuar a viver. Deus proteja a nossa querida patria! E a Historia, para sua imortal lição, nunca poderá esquecer que esta princeza de vinte anos, desarmada e só, foi a primeira resistencia e o primeiro inimigo que o desmedido orgulho de Guilherme II encontrou, como um simbolo, no seu caminho. Dentro da sua inexecedível frgilidade, a Grã-Duqueza do Luxemburgo era a Força maxima do Direito e da Beleza erguendo-se, heroicamente, deante da Brutalidade maxima da Força.

Concertos Blanch

Quasi do tamanho da batuta, dir-se-ia que este Pedro Blanch rege a sua orquestra, empunhando toda a sua juven'l pessoa. Pequeno, com um ar simples de rapazinho e um não sei qué de estudante em férias, ninguém, vendo-o, calcula a energia, o vigor, a tenacidade que se abrigam dentro d'esse corpo esguio e d'esse talento musical brilhante. Dirigir uma orquestra é quasi como comandar um exercito. Para ser um bom maestro o preciso ter virtudes militares. Blanch, no campo de operações, á frente dos seus musicos, transfigura-se, como um general — e nas suas mãos, pacientes e habéis, as mií vozes do som transformam-se em sinfonia, em cor e em expressão. Uma paixão imensa domina aquele espirito: a musica. Um secreto desgosto profissional o consome: a falta de cabello.



AUGUSTO DE CASTRO

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

Flôr agreste

Os medicos haviam aconselhado a Francisco—ainda convalescente de uma enfermidade que durante dois mezes o ti era suspenso sobre os negros e lugubres boqueiros da morte—ares puros do ca npo, o repouso, a pacificação rural, os ambientes luminosos e salubres em que o seu organismo exausto, enfraquecido, se retemperasse e o seu musculo flacido enrigecesse e adquirisse elasticidade.

—E, sobretudo nada de comoções, de sobresaltos violentos. Passeios lentos atravez de devesas e bouças de pinheiros, nos dias secos e calmos, bom regimen al mentar, descanço inaltravel—recomendavam eles.

Esta perspectiva de vagarosas semanas na placidez

versos que levaria na mala, para entreter as amarguras da solidude, enquanto na cidade, os amigos, jovialmente, abancariam ás ceias ruidosas, com mulheres e *Champagne*, folgariam descuidados e contentes, resplandeceriam, nos domingos dourados de sol, por jardins e logares de elegantes *rendez-vous* mundanos, aspirando á existencia florida todo o seu perfume e todo o seu encanto.

Seriam felizes, enquanto ele, por longe exacerbado o seu tedio e curaria o pulmão doente!

Ah! este exilio ia doer-lhe mais do que a própria doença! E passando a mão magra pela face macilenta, murmurava de mau humor:

—Que estopada! Que formidavel estopada!

Sempre o desgostára a bucolica—mesmo com nin-



e na solidão de uma aldeia, muito afastada dos tu multos e da confusão das ruas cidadinas, apavorou o doente que odiava, como *lord Disraeli*, a nsaigem e que adorava a vida desordenada, policromica, fortemente impressiva da cidade. Que havia ele de fazer n'um pobre e quieto povoado de cavadores, sem o convívio dos seus amigos, o fino encanto das suas relações afétivas, sem nenhum interesse emotivo ou material que o solicitasse? Nem um teatro onde fosse, á noite, espalreecer o tedio pesado de algumas horas! Nem um salão de concertos em que, durante doces, dolentes horas de *arêrie* e de sonho, ouvisse n'um enlevo de alma, as profundas paginas dos grandes poetas da musi:a que, em certos momentos, fazem abrir no peito a flôr azul da inspiração e do ideal e que aos espíritos sensíveis falam de aspirações infinitas e nunca alcançadas e de malogrados idilios de amor, ou deante dos olhos iluminam a imagem pura da beleza alando-se, n'um vôo maravilhoso de ritmo, aos intermundios da perfeição, da suprema graça!

—Que horror!—suspirava ele, abatido e pallido, caindo sem alento sobre a meza de um escritorio, onde, em jarras de cristal, murchavam, desfolhando-se lentamente, as ultimas rosas de verão.—Eu nunca pude tolerar a monotonia!

Puxando o *couvre-pieds* para as pernas tranzidas de frio e encolhendo-se todo deante da idéa de ir habitar uma tranquilla e desolada aldeola, começou a fantasiar na *imaginação* as eternas noites de inverno, sob as bategas furiosas da chuva e com arvoredos já sem folhas ramalhando na treva. Via-se, só e triste, n'um pardiêiro de aluguer, sem conforto, de paredes nuas, desabrigado, lendo á luz de um candieiro de petroleo os romances e os livros de

fas! Tinha trinta anos e ja não estava n'aquelas ingenuas e namoradas edades em que se julga que, nas curvas dos caminhos desertos, surgem, entre as madre-silvas cheirosas, sob as abelhas de ouro, aparições romanticas, princezas de cabelos desmanchados caindo em aneis na brancura das vestes e de olhares extasiados no ceu! E, o que mais intimamente o magoava é que, na sua demorada ausencia, não iria pela calada noturna cantar para os astros, de baixo do balcão de certa adolescente que trazia o seu coração cheio de aniedades e de cuidados.

—Mas acabou-se! Que hei de fazer? O remedio é amargo, mas toma-lo-hei!

Dispoz as suas coisas, partiu. Tinha entrado outubro—um esplendido outubro fulgente de luz. Nas terras de cultivo um vago tom de folha morta errava já pelas verduras. A paizagem, amarelecendo, tornava-se mais doce de tintas e mais linda de formas. Sobre as campinas passava uma aragem ainda morna, levando para o largo as idilicas cantigas da Musa rustica. Terminavam as vindimas, que enchiam as adegas de claro e perfumado vinho e começavam

as colheitas agrícolas que haviam de encher celeiros e tilhas de abundante, farto pão. Francisco, jordanando ao chouto vagaroso de um cavalo, reparava na lide que á sua volta se fazia ativamente e monologava:

— Isto, ainda assim, é belo!

Os pulmões dilatavam-se-lhe, haurindo em lufadas o ar oxigenado e vivificador: a vasta planície ondulava na sua frente sem um mais aspero galgão de terreno, cortando por vinhas, milhares, oliveiros: e Francisco pensava que o bom Virgílio encontraria por ali novos temas para as suas eclogas latinas. Para combater a simpatia nascente pe'os cenários campestres, atalhava, porém:

— Mas não me reconciliarei com esta simplicidade!

Logo que estivesse curado, que recuperasse o vigor perdido, nem um só instante se demoraria por aquele ermo, talvez excelente para poetas mas intolerável para um homem de rude prosa.

A certa altura, n'uma encruzilhada, surgiu á sua vista um painel barbaramente pintado e pregado n'um poste.

— Isto que é? — perguntou Francisco ao camponez que o acompanhava, a pé, sob o balanço dos alforques que o carregavam:

— São umas Almas! Então o senhor não sabe?

— Não sei o quê, homem?

— Pois foi ali que mataram o Bento da Chouza, um latagão como umas casas, n'uma noite em que voltava do serão!

— E porquê?

— Ciúmeiras! Coisas de conversadas. Vae então, o povo do lugar, pôz ali aquela memoria, para que os cristãos, ao passar, rezem pelo morto!

Era um drama de Shakespeare, entre serranos broncos! Também por ali havia Othellos ciumentos, que assassinavam não Demomonas, por estrangulamento, mas os seus amantes, a foíce roçadoura! A barbarie civilisava-se — pensava Francisco.

— Ainda estamos longe da terra para onde vou?

— disse ele para o guia.

— Não, meu senhor. Já d'aqui se vê! olhe, lá estão as primeiras casas, branqueando por entre aquele soute de castanheiros.

— Quem me dera chegar — exclamou ele.

A estrada fugia agora, n'uma esteira branca sob o sol, por entre pousios onde crescia o ma o. O rosmarinho em flor aromatizava a atmosfera: e a cada momento se elevava dos ervaços o murmúrio suave da agua cantando entre as alfombras. Cavadores de face tisonada passavam, em mangas de camisa e de enxada ao hombro, e tiravam o chapéu a Francisco, saudando:

— Salve-o Deus, meu senhor!

— Bons dias! — respondia ele, correspondendo.

E providenciava que a desgraçada gente da provincia conservava um fundo de bondade que as proprias dôres não deliam.

— A das cidades, como tem a consciencia dos seus direitos, é mais inso ente. Grande coisa, a emancipação humana! — rosnava.

— E' aqui! — interrompeu o guia, pegando no freio do cavalo e fazendo-o parar.

— Francisco olhou e viu então uma casa terrea, isolada da rua, entre arvoredos, por uma sebe de espinhosas. Ao longo das paredes havia latadas de limoeiros: e d'uma ramada que tocava no beiral descia uma sombra veludosa e afável.

Desceu, sacudiu as pernas entorpecidas, bateu os sapatos no chão.

— E' aqui!... — disse ele desalentado.

— Foi o que se pôde arranjar de melhor... As bagagens virão amanhã. Vou eu buscá-las á estação do caminho de ferro. O senhor viverá em santa paz, como Deus com os anjos.

— Obrigado, Manuel.

A' porta d'entrada assomou um rosto risonho e moreno, com olhos negros que lhe iluminavam toda a face.

— Quem é esta moça? — inquiriu Francisco do recoveiro.

— E' a minha filha Maria Adelaide. Como o se-



nhor disse, na carta, que queria que lhe cosinhasse e tratasse dos arranjos caseiros, eu então...

— E fizeste bem, Manuel!

— Melhor não n'a encontrava por aí. Tem umas mãos de prata, verá!

Francisco entrou, cumprimentado por Maria Adelaide, que se tornou muito córada, informando-o:

— O jantarsinho não demora um crédo.

— Não ha pressa! Não ha nenhuma pressa!...

Sentou-se, durante alguns instantes, n'uma ampla cadeira de verga, que rangeu ao peso do seu corpo, e observou a sala. Era um compartimento acanhado, de soalho velho mas limpo, com jareta respirando para o quintal. O mobiliário, humilde, espalhava uma sombra triste. Mas sobre uma mesa coberta com um pano de rendas, havia flores viçosas n'uma jarra de faiança.

— O que eu me vou aborrecer aqui! — julgava Francisco. Mas se é preciso, para durar mais uns anos!...

Lavou-se, purificou-se do pó mordente da caminhada, e volvido algum tempo, estava sentado outra vez, deante de uma terrina de porcelana cheia de rescendeite e loura canja de galinha. Comeu com apetite e achou a cosinheira exímia. A fruta, o vinho, o pão, tinham ali um sabor diferente do da cidade. Oh! mas aquela solidão! Que pavor! Quando anoutecesse, Maria Adelaide iria para casa do pae, os mochos piariam lugubrememente pelos pinheiros, e a melancolia pezaría mais sobre o seu coração... Enquanto divagava, contemplava também Maria Adelaide. Era encantadora! Toda uma alacre mocidade, regada por bom sangue, borbulhava n'ela. Nos lábios vermelhos havia a doçura d'um riso esparsado e seus olhos tinham um elanguescimento perturbante.

—O senhor gostou do janlar?

—Estava magnífico, Maria Adelaide. Bem me dizia seu pae que a menina tinha umas mãos de prata.

—Ora! São favores.

—Acredite!...

Deslizaram semanas, mezes. Tinha entrado o inverno, com as suas tristezas e os seus aborrecimentos, encharcando as ruas de agua e afogando-as de lama. Nos dias de temporal desabrido, Francisco sem poder sair de casa para passear, curti a sua angustia na leitura, abafado entre cobertores e espreitando a livre natureza por entre as vidraças corridas. Sentia-se mais vigoroso. Tinha engordado.

Agora, já o não ozejavam os cansaços subitos, não o abala am os excessos de posse: mas, invadiu-o uma avorçada nostalgia da cidade distante. De lá lhe escrevia os amigos per untando-lhe ironicamente se se fizera monge; se, como os antigos anacoretas, se refugiara em algum buraco da serra, deante de uma caveira e de um livro aberto, levando uma existencia d: penitenciação e de ermo. E de lá lhe escrevia, também, com sau lousa meiguice, a adoescente que trazia a abrir, pela primeira vez, no peito, o lirio angelico do amor.

—Quando chegar a primavera, parto! — prometia Francisco. Em regressando as andorinhas, eu abalarei.

Maria Adelaide fazia-lhe agora uma constante companhia. Arrumada a casa, vinha sentar-se junto d'ele, costurando e tagarelando: e mais de uma vez Francisco surpreendeu a furtiva caricia dos seus olhos negros, que fulguravam. Mas porquê? Porquê?

Nunca ele lhe disséra palavra equivocoa, lhe falára de paixões, de sentimentalismos. O pae confiara-lh'a e por nada Francisco abusaria d'essa confiança.

Uma tarde, porém, como Maria Adelaide estivesse toda absorvida na costura, Francisco, impensadamente, fechando o livro que lia para distrair-se, exclamou:

—Já sei para que isso é.

—Isso é que não sabe—negou ela, com risonha vivacidade. Ora diga, a vér se acerta?

—E' para o seu enxoval, ahí está!

—Pois não é!—atalhou ela, córondo.

Insensivelmente, a conversa continuou n'estes termos melindrosos.

—Não diga que não! A menina ha de ter o seu namorado, ha de casar, como as outras, ser venturosa, que bem o mereçe...

—Eu!... Ninguém me quer...

—Como ninguém a quer? Podé falar, sou de segredo...

—Mas se não tenho namorado!... Sou assim...

Francisco notou que Maria Adelaide se curvava

sobre a roupa para esconder o rubor da face, e teve uma suspeita que o alarmou.

Desviou a conversação para coisas futeis: e como o tempo estivesse bom, saiu a dar uma volta. Pelo caminho, ia meditando no caso d'aquela rapariga, que de certo o amava, sem que e'c' lhe houvesse dado a menor esperança, mesmo mentindo. Pensava nos mysterios do amor, que os psicologos mais subteis nunca hão de interpretar com lucidez, por mais que os estudem. E sentia uma grande piedade por aquela paixão sincera e espontanea.

—Quem sabe se seria feliz com ella?

Mas, se não amava Maria Adelaide, se não poderia amal-a, por trazer a alma cheia do enlevo d'uma outra mulher, para que illud-a, para que trail-a?

Para acabar com uma candida adoração que não procurára, Francisco decidiu deixar a aldeia em que sarára sem mais demoras: e logo o desejo alvortado d' cidade se apoderou d'ele. Voltaria ao calor dos velhos afetos, aos appetecidos convívios, á vida de movimento e de gozo que tantas seduções tinham para elle.

E, sobretudo, regressava á ternura d'alguem que sobresaltadamente o esperava, ançada por tão demorado exilio. Logo n'essa noite, assim que ficou só, começou fazendo apressadamente as malas. N'uma d'elas, encontrou o reirato da noiva que trouxera com ele como um anjo guardião. Esteve-o contemplando um instante, com transporte pousando-o depois sobre a mesa da sala, onde o esqueceu. De manhã, Maria Adelaide, ao arrumar os moveis, encontrou-o, quando ainda Francisco dormia. Pegou-lhe, cravou n'ele uns olhos fulgurantes. O sangue refiuu-lhe ao coração de chofre; e, fugindo para a cosinha, fundiu em lagrimas.

Eis porque ele não me quer, minha Nossa Senhora! —murmurava ella sufocada em pranto.

Durante momentos, arquejou entendia sobre um banco: mas pouco depois serenava, enxugando os olhos e entregando-se aos trabalhos caseiros.

Ao almoço, Francisco, jovialmente para esconder a comoeção, disse-lhe:

—Pois Maria Adelaide, resolvi hoje mesmo ir-me embora. Já mandei chamar seu pae, que ha de acomodar-me.

—O quê?—perguntou e'a surpreendida e sem pinta de sangue no rosto. Pois vae-se?...

—Vou! E nem a menina sabe quantas saudades sinto n'esta hora e como lhe sou reconhecido!...

Maria Adelaide ficou-se a observar-o, mudamente, com um brilho de febre nos olhos. As mãos tremiam-lhe, e fazia esforços para conter teimosas lagrimas.

—Antes que eu seja co'fiada, o senhor diz-me de quem é o retrato d'uma mulher que está em cima da meza da sala?...

—O retrato!...—gaguejou Francisco, recordando-se.

Ah! sim! Esse retrato é o da minha noiva!—respondeu resolutamente.

N'um grito, Maria Adelaide bradou:

—Faz bem em se ir embora d'aquí, meu senhor...

—Porque, Maria Adelaide?

—Porque eu matava-o!—afirmou ella, transtornada... Matava-o. Tinha alma para isso!...

—Não! Matava-o... porque lhe quero muito bem...



Socorros aos feridos da guerra

O *Seculo* já enviou para França, á Sociedade da Cruz Vermelha, a terceira remessa de agasalhos e pensos destinados aos feridos da guerra. Estes objetos são superiores á de cada remessa já enviada, tendo havido o cuidado de escolher os melhores agasalhos de lã e tecidos fortes mais proprios para a estação de frio que se vae atravessan-

tores de lã e de algodão, 322; almofadas completas, 30; ligaduras e ataduras, 3:122; algodão hidrofilo (pacotes), 520, alpercatas e sapatos de trança (pares), 480; roupa diversa (peças), 218; medicamentos diversos e instrumentos cirurgicos (caixas), 2.

Estes objetos, junto aos que compunham



Parte da remessa que se enviou para França
(«Cliché» de Benoitel).

do. Discriminam-se assim os objetos enviados:

Toalhas de linho e algodão, 229; peugas de lã e algodão (pares), 1:631; camisolas de flanela e de malha, 1:175; ceroulas de malha, de pano e de flanela, 593; cober-

as anteriores remessas, perfazem um total de 21:378 peças.

Está-se tratando já da organização dos volumes que hão de constituir a quarta remessa, continuando aberta no *Seculo* a subscrição para socorros aos feridos da guerra.

Cardeal Cavallari. — Faleceu em Veneza o cardeal Aristides Cavallari, que nasceu em Chloggia a 8 de fevereiro de 1849, tomando ordens em 24 de setembro de 1872. Em 15 de abril de 1907 foi feito cardeal, sendo-lhe n'essa data conferido o chapeu cardinalicio. Em 18 de abril de 1898 foi elevado a patriarca de Veneza por Pio X. Tinha muitas simpatias.



Carlos Maria Eugenio d'Almeida.— Na idade de 70 anos faleceu em Lisboa o sr. Carlos Maria Eugenio de Almeida, filho do opulento proprietário José Maria Eugenio, que por muitos anos foi provedor da Casa Pia de Lisboa. Era muito estimado na sociedade elegante e, como seu paé, desempenhou tambem o cargo de provedor da Casa Pia, em 1872.

1. O eminente Cardeal Cavallari, falecido em Veneza

2. O sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida, falecido em Lisboa



O sr. Roberto Macedo, autor do livro de versos Poemas d'hoje, em que ha poesias inspiradissimas, que muito honram o talentoso poeta.



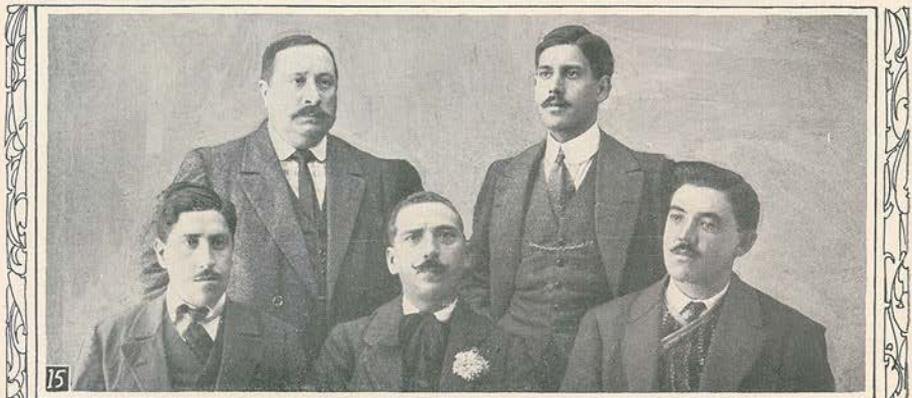
3. O sr. Roberto Macedo, autor do livro de versos Poemas d'hoje, em que ha poesias inspiradissimas, que muito honram o talentoso poeta.
4. O sr. maior Antonio Maria Cesar, falecido com 73 anos de idade.—5. O sr. Sebastião Verissimo Dias, proprietario, sogro do ma.or sr. Eduardo Barbosa, nosso colega do «Século», falecido ha dias.—6. O distinctissimo official de marinha, chefe do estado maior da maioria general da armada, sr. Lutz Leitão Xavier, ha pouco falecido. Era sogro do nosso colega do «Século» sr. Artur Leitão Xavier.



O sr. Armando Ferreira, autor da comedia em 1 ato Nuvem que passa, representada com successo por amadores no teatro da Vila Noqueira de Azeitão.



8. O sr. Manuel d'Almeida Teixeira, falecido na Covilhã.—9. O sr. Francisco Joaquim da Costa Ferreira, paé do sr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, diretor da Casa Pia e ex-ministro do fomento. Faleceu com 71 anos.—10. O sr. Albino Nogueira Lobo, falecido em Coimbra. Era paé do sr. dr. Alberto Nogueira Lobo, assistente da faculdade de medicina.—11. O sr. Joaquim Liberal Corréa, engenheiro meca.nico, falecido ha dias em Lisboa.—12. O sr. Antonio Joaquim Ferreira, falecido em Lisboa.—13. O commerciante sr. Zeferino Rodrigues Leal, falecido ultimamente em Lisboa.



Comissão organisadora da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria de Sobral de Mont'Agraco: Da direita para a esquerda: os srs. Joaquim Lobato, Artur Ferreira e João S. Lopes. Em pé os srs. Antonio J. Ribeiro e Eduardo Simões.—(Clichê do distinto fotografo sr. J. C. Lopes).

COSINHAS ECONOMICAS NO PORTO

O Porto tem mais uma cosinha economica, o estabelecimento da qual muito se deve ao coronel sr. Mouzinho de Albuquerque, illustre governador civil do distrito.

A nova cosinha está situada na rua da Povoá, ao cimo da rua Santos Lousada, antigo largo de Santo Isidro, jus-



Rancheiros de infantaria a fazer a sopa na cosinha da Povoá, da freguezia de Bomfim



Ao guichet da cosinha da Povoá, recebendo a sopa

tamente n'um dos pontos mais frequentado pelas classes operarias, pois é n'aquelle bairro que se junta o maior numero de pessoas das classes de tecidos e chapéus, trabalhadores e empregados menores dos caminhos de ferro.

E' um melhoramento que muito contribue para auxiliar as



O sr. Julio Abelard verificador do pelouro dos incendios do Porto, provando a sopa na cosinha da Povoá, da freguezia de Bomfim

classes menos abastadas que não podem, com os seus salarios, já muito reduzidos, arrostar com a carestia dos generos alimenticios, que de dia para dia se agrava prodigiosamente.



A' espera da distribuição da sopa na cosinha economica do Bomfim. -- «Clichs» do distinto fotografo sr. Julio Ribeiro de Campos



Canção do soldado

I

Tremula ao vento a bandeira
E sôa ao largo o clarim,
A Patria chama por mim,
Eu vou entrar na fileira.
Sofrerei a vida inteira,
Tudo quanto a dôr encerra,
Comtanto que a minha terra,
Meu Portugal seja amado,
E o portuguez, que é soldado,
Nunca teve medo á guerra.

II

Minha enxada abandonei-a,
Meu alvião lá ficou ;
Coração, que tanto amou,
Outra estrela hoje o norteia.
Deixo, alegre, a minha aldeia,
Os meus amores, o meu lar,
Vou p'rá França batalhar
A' luz viva d'esta espada,
Que a honra da Patria amada,
A' vitoria ha de levar.

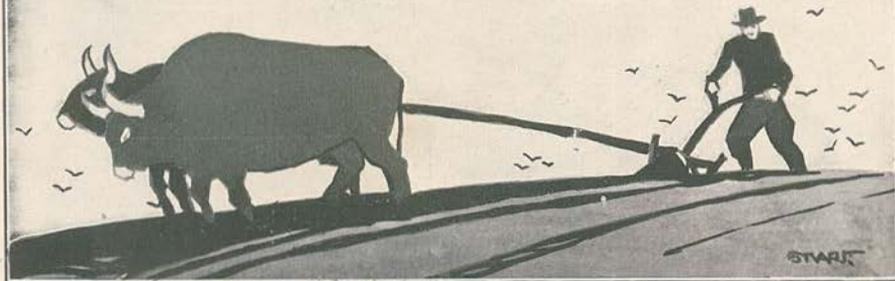
III

Meu braço, que á neve e ao vento,
As duras terras volveu,
Sabe que é sob este ceu
Que fica o meu pensamento.
Se, portanto, fôr sangrento
E rude o seu combater,
Não estranheis que o dever
Assim lh'o ordene, ó teutões:
Vai defender corações,
Saivar a Patria ou morrer.

IV

Soldado, vamos marchar
Unidos como um só corpo.
Que importa que fiques morto
Se vais mundos resgatar ?
Ou nas terras d'alem mar,
Ou n'essa França querida,
Não me importa dar a vida
Em nome da Humanidade.
Sou filho da Liberdade,
Quero a Patria re dimida.

Tomás da Fonseca.



Chegada da expedição a Mossamedes



Foi dia de jubilo para as populações de Angola a chegada da expedição dos nossos briosos soldados a Mossamedes, onde lhes foi feita uma manifestação entusiastica e patriótica.

Não foi só o elemento official, á frente

do qual se encontrava o illustre governador sr. Norton de Matos, que manifestou o seu regosijo pela chegada das tropas comandadas pelo tenente-coronel sr. Alves Roçadas, official já experimentado nas lutas em plagas africanas, mas tambem os colonos e os indigenas



1. Em Mossamedes: O tenente-coronel sr. Alves Roçadas, acompanhado do governador, sr. Norton de Matos, á sua chegada na ponte de desembarque.—2. Fortaleza de S. Fernando salvando a chegada do «Africa» que conduziu a expedição.



Distribuição de rancho aos expedicionarios

traduziram o seu entusiasmo com vibrantes vivas á Patria e ao exercito.

E' que toda essa gente que vitoriou o nosso exercito sente a necessidade de

uma desafronta ao insolito assalto dos alemães á nossa fortaleza de Cuangar, que, afinal, é o sentir de todo o verdadeiro patriota.



Infantaria fazendo exercicios em fila de atradores

FIGURAS E FACTOS

Missão militar a Londres.

— Teve uma recepção muito afetuosa em Londres a comissão de officiaes que, em missão do governo portuguez, foi áquella cidade tratar da nossa participação na grande guerra contra a Alemanha. A missão era composta dos illustres officiaes srs. Ivens Ferraz e Fernando Freiria, capitães de



Comissão de officiaes que foram a Londres.

artilharia, e sr. Eduardo Martins, capitão de infantaria, todos do estado maior.

Não só nas estações officiaes do paiz nosso aliado, mas em toda a Inglaterra é olhada com extrema simpatia a attitude de Portugal perante o conflito europeu, como os illustres missionarios tiveram occasião de verificar.



O novo embaixador de Portugal no Brazil.—O sr. dr. Duarte Leite, antigo presidente de conselho de ministros, um denodado defensor da Republica e a quem esta deve relevantes serviços, partiu a ocupar o seu logar de embaixador portuguez na Republica Brasileira, tendo uma



2. O sr. dr. Duarte Leite despedindo-se dos ministros das finanças e dos estrangeiros.—3. O Dragão conduzindo o sr. dr. Duarte Leite e sua familia para bordo do ser creado em Lisboa.

despedida muito afetuosa. Muito ha a esperar do illustre diplomata, principalmente n'esta occasião em que se trata do estabelecimento de relações commerciaes entre as duas nações irmãs por motivo do porto franco que vae ser creado em Lisboa.

Arlanza.—(Clichés de Benoillet)



Batidas ás perdizes.

— Nas vastas herdades dos srs. drs. Francisco Falcão, Manuel Romão e José Telo Rasquilho, em Arronches, realisouse ha dias umas batidas ás perdizes, nas quaes tomaram parte os srs. Manuel Falcão, distinto «sportman», José Telo Rasquilho, João Falcão, o distinto pintor José Campas, Joaquim e Francisco



Romão, Antonio Tenorio, Francisco Venancio Junior, Benito Romão, José Agapito Gordo, Lourenço Orvalho e Izidoro Venancio.

A diversão venatoria decorreu animadissima, tendo sido abatidas 184 peças: 170 perdizes, 3 galinhas, 8 lebres, 2 coelhos, 1 pombo e um casal de aguias «reaes».

1. Os srs. Manuel Falcão, José Tejo Rasquilho, José Campas e João Falcão.
2. Os srs. José Campas, Francisco Romão e João Falcão.



3. Corporação dos 1.ºs cabos das companhias de Moçambique expedicionarias a Timor, no dia da chegada a Dilly, em 13 de setembro de 1914.—4.º Plano da direita para a esquerda: srs. Jacinto Borges, José S. Viana e José d'Andrade.—2.º Plano (sentados): srs. Isac Salvador, Antonio D. Alves, Atanasio J. dos Santos, Hermogenes C. Faustino, Manuel F. Osorio, José Herculano e José Augusto das Neves.—3.º Plano (de pé): srs. Fernando Jacinto, Fernando Bandeira, Jaques S. Fonseca, Gregorio dos Santos e Manuel de Carvalho.

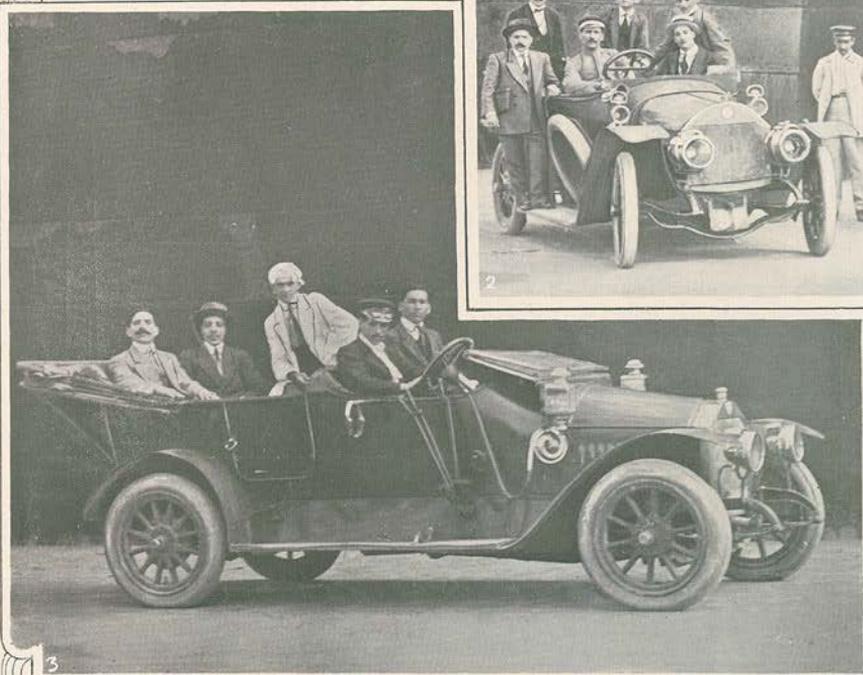
O "Luso-Grupo" de S. Paulo



O «Luso-Grupo» na praia «José Menino» em Santos.



2



3

2. e 3. O regresso da excursão

A Europa em guerra

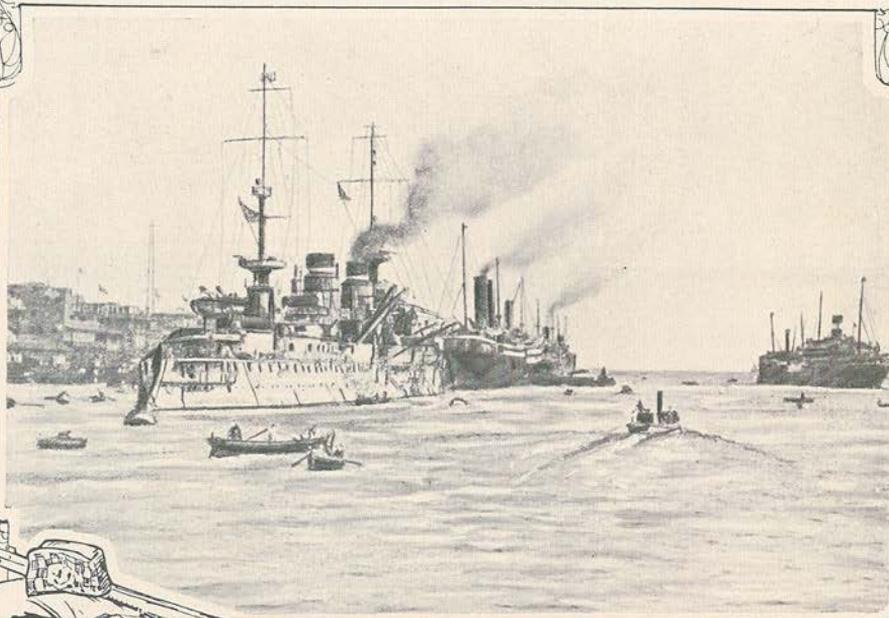
Tem sido tremendo os desastres sofridos pelos alemães especialmente na Prússia Oriental, onde os russos lhes causaram enormes prejuízos materiais, aprisionando muitos milhares de soldados e oficiais que foram internados na Rússia, para onde foram conduzidos em comboios sucessivos.



Tropas canadenses desembarcadas em Inglaterra

Na Alemanha onde tudo está desmoralizado, não se respeitando já as autoridades que impõem a sua força para manter a ordem, existe uma fortíssima corrente contrária à guerra, que fatalmente deve conduzir aquele

povo a uma guerra civil, e d'ahi o esfacelamento

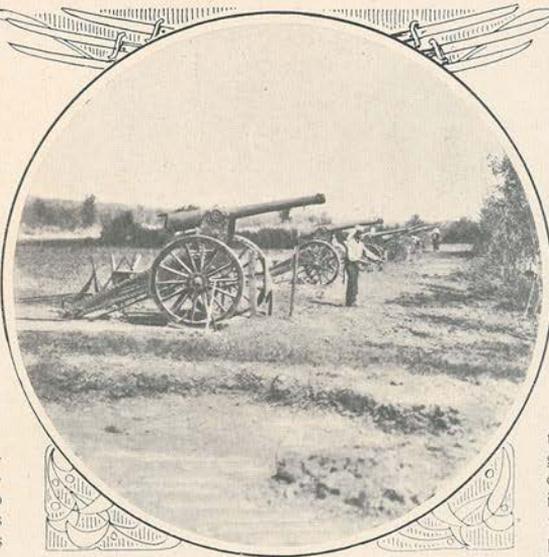


Um comboio escoltado de dois couraçados francezes em Port-Said, á saída do canal.

natural do grande império que, querendo dominar o mundo, se afunda cada vez mais, cavando a sua própria ruína.

Nada ha que possa já levantar esse paiz que tanto se evidenciou, acompanhando os outros na vanguarda da civilisação, e que o seu imperialismo loucamente ambicioso atirou para a mais desastrosa das aventuras.

O *kaizer* já deve ter tido occasiões bem crueis de arrependimento por ter lançado o seu povo n'uma guerra que lhe tornará a vida miseranda. Deve ter-lhe causado horror a sua



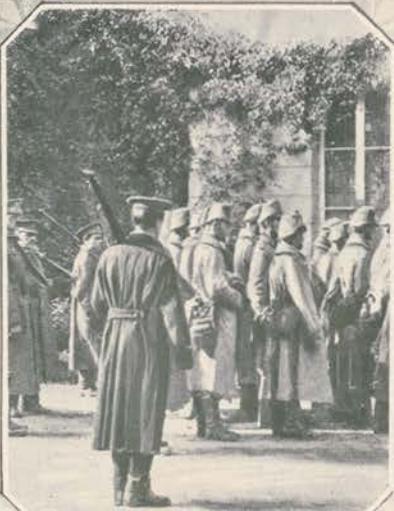
Uma bateria de artilharia pesada de campanha de 120 em posição de fogo.

responsabilidade perante a historia d'esta carnificina tremenda de que ele foi o causador e mandante supremo. E' que as lagrimas das mães que perderam seus filhos, das esposas a quem arrebataram os maridos para a grande guerra, hão de impregnar e humedecer esse livro imerredoiro da vida dos povos para que os vindouros saibam, pelas manchas d'essas lagrimas, quem foi

o carrasco dos seus maiores, o roubador dos lares e o demolidor das suas casas e das suas igrejas.



Na gare de uma estação do Norte: Armas, cartuchame e outros artigos de guerra tomados aos alemães (Cliché M. Branger).



1



2



3



4



5

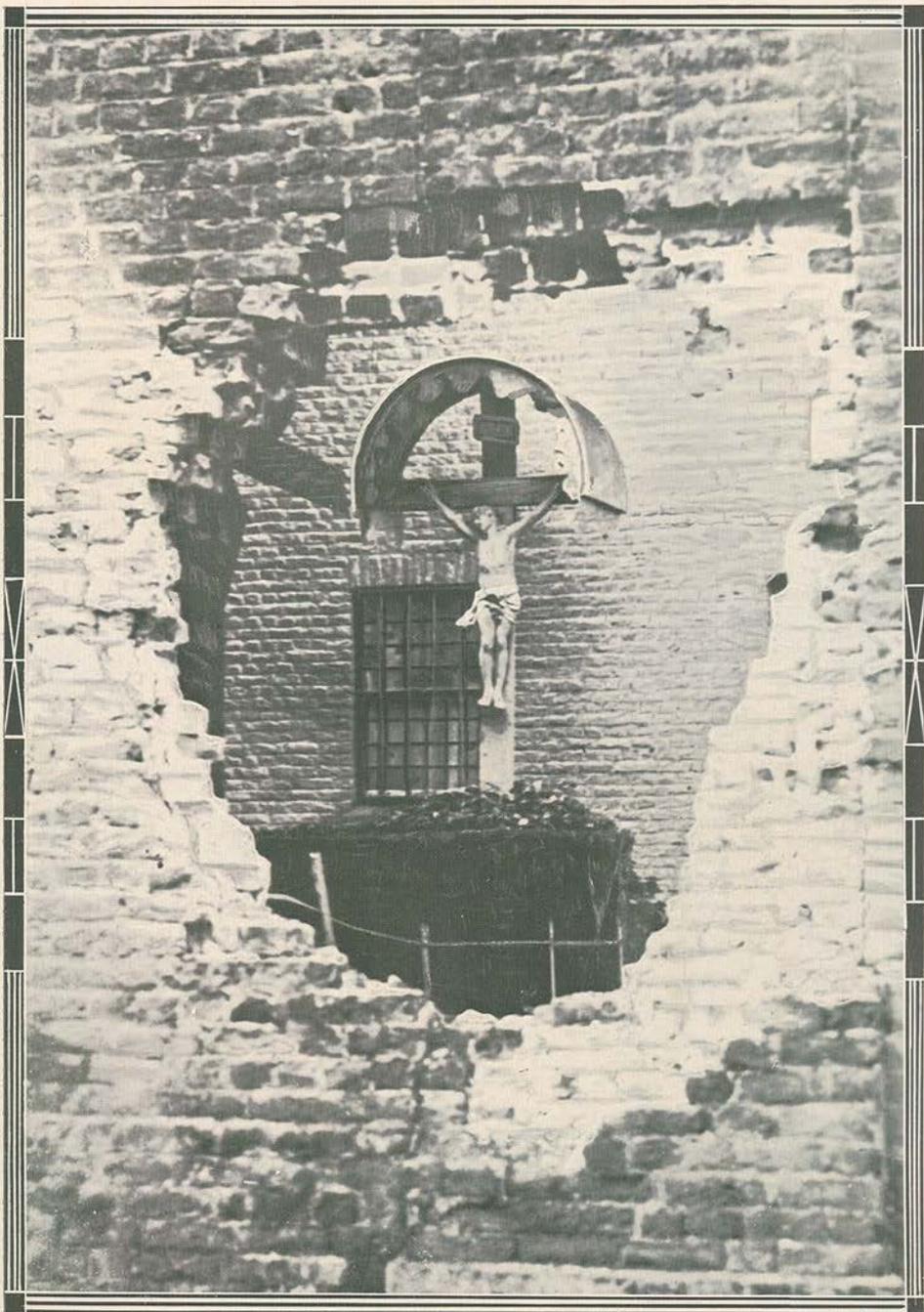
1. Uma leva de prisioneiros alemães em Paris.—2. Um comboio blindado belga a fazer fogo.—(«Cliché» Chussecu Flaviens).—3. Junto à campa de um soldado francês.—4. Cavalaria desfilando em Londres para se ir juntar aos corpos ingleses que combatem em França.—(«Cliché» M. Branger).—5. Um regimento de infantaria da Nova Zelândia desfilando em Londres, depois do desembarque.—(«Cliché» M. Branger).



Nas trincheiras belgas. Raparigas distribuindo nozes aos soldados



Na Argonne: Como nhia de infantaria dissimulada n'um fosso ao longo de uma estrada abrigada por salgueiros.—(«Clichés» de M. Branger)



*O requinte da selvageria alemã: Como ficou o convento das Irmãs dos Pobres, em Nieupoort
(«Clichés» Chusseau-Flaviens).*



O presidente Poincaré e o rei Alberto da Bélgica passando revista à cavalaria belga em uma localidade de Flandres, próxima do campo de batalha. São seguidos pelo generalíssimo Joffre.

Portuguezas ao serviço da França

Dois senhoras portuguesas, que deixaram os confortos dos seus lares e os afagos de suas famílias, encontram-se ao serviço da França em um hospital de Biarritz, onde até alguns hotéis foram transformados em hospitaes para atender ao grande numero de feridos que constantemente ali estão chegando. Essas senhoras chamam-se D. Maria Rufina de Mesquita, esposa do ilustre d. amaturgo sr. dr. Marcelino de Mesquita, e D. Margarida dos Santos Silva, esposa do sr. Americo dos Santos Silva. São elas, por assim dizer, as



encarregadas de um dos hospitaes destinados a receber os feridos no periodo da convalescença.

De resto, pouco pessoal ha: um medico, um ajudante de medico, ambos francezes, as duas damas portuguesas, uma senhora belga e outra inglesa como enfermeiras, e quatro impedidos que fazem os serviços de limpeza.

E' encantadora a maneira como as nossas duas patriotas exercem a sua caridosa missão de enfermagem.

Alguns feridos, quando estão prestes a abandonar



1. A sr.^a D. Maria Rufina de Mesquita, dama portuguesa que dirige uma secção hospitalar em Biarritz—2. Hotel de Bayona e Metropole em Biarritz



Os feridos e as suas enfermeiras sr.^{as} D. Maria Rufina de Mesquita e D. Margarida dos Santos Sr.^{as}, damas portuguesas, em Biarritz

aquele santo repouso, choram como se fossem creanças, só ao lembrar-se que teem de sair dos cuidados amováveis de tão caritativas senhoras. E, em cartas enviadas a pessoas de suas famílias, contam com certo desvanecimento a sorte que tiveram em haver dado entrada n'aquela hospital, em que foram tratados com a maior humanidade e carinho possíveis pelas «irmãs Maria e Margarida».

O hospital está instalado na «Villa Suisse», na rua de France, e até ao dia 18 do mez passado tinham n'ele sido curados 150 feridos vindos da guerra, uns sem pernas, outros sem braços, muitos desfigurados no rosto e ainda outros como eram fendidos pelas balas dos inimigos no campo de batalha.

Alguns, pelo seu estado desesperado, tiveram de ser conduzidos para o Casino, também transformado em hospital, por precisarem de socorros cirurgicos que no hospital da «Villa Suisse» não podiam ser-lhes prestados. As sr.^{as} D. Maria Rufina de Mesquita e D. Margarida dos Santos e Silva foram nomeadas enfermeiras efetivas e encarregadas do pequeno hospital pela sua dedicação e carinhos prestados aos enfermos no hospital do Casino. As referencias que d'elas fazem os clinicos dos hospitaes

de Biarritz, que enaltecem as primorosas qualidades de dedicação e de afabilidade para os desgraçados que lhes estão confiados, honram sobremaneira as nossas duas patriotas que, longe da patria, engrandecem o nome de Portugal.

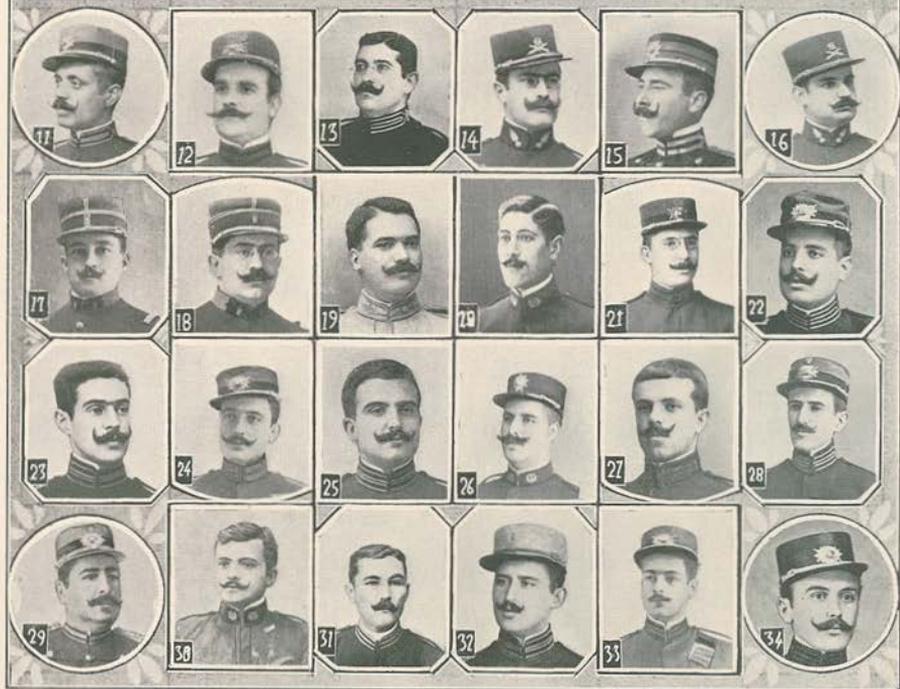


A praia e os Casinos em Biarritz

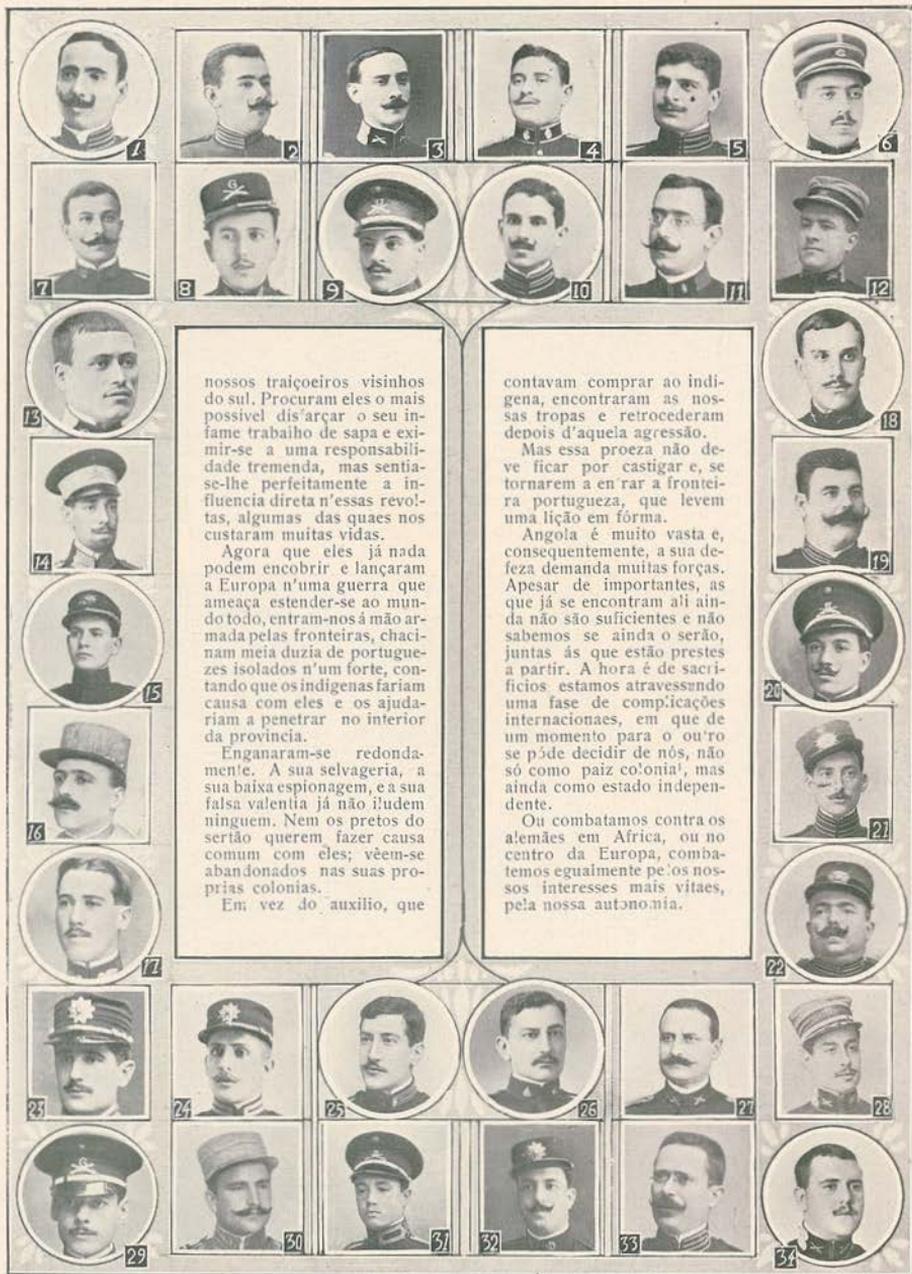
Portugal defende-se



Vae partir uma nova expedição para Angola. Na sua organização tem-se atendido a todas as condições que possam garantir o bom exito da defeza d'aquelle vasto e feracissimo territorio, que foi sempre objeto da cobiça alemã. As subleções do indigena, com que por vezes temos lutado, tem sido inegavelmente instigadas pelos



1. Major Costa Malheiro; 2. Major João Pires Viegas; 3. Capitão Carlos Fernando Brou; 4. Capitão Antonio Moreira; 5. Capitão Rodrigues de Sousa; 6. Capitão José Pires do Carmo; 7. Capitão Augusto Cesar Taveira; 8. Capitão Artur Ivens Ferraz; 9. Capitão Manuel Silva Lopes; 10. Capitão João Francisco de Souza; 11. Capitão João Inacio Ribeiro; 12. Capitão Rodrigues de Oliveira; 13. Capitão José Dias Veloso; 14. Capitão Abel Travassos Valdez; 15. Capitão Antonio Pereira da Cunha e Costa; 16. Capitão Antonio Carlos Cortez; 17. Tenente medico Levi Carvalho e Almeida; 18. Tenente medico Veiga e Souza; 19. Tenente medico Francisco Ferreira de Figueiredo; 20. Tenente provisor Vitor Hugo de Gal; 21. Tenente Manuel Fernandes da Costa; 22. Tenente Hiermino Rebelo; 23. Tenente João Sena Belo Junior; 24. Tenente Luiz Alberto de Oliveira; 25. Tenente Arsenio Ventura; 26. Tenente medico Antonio Antunes de Vasconcelos; 27. Tenente Leopoldo Leal Dias; 28. Tenente José Xavier Celestino Soares; 29. Tenente José Quirino da Camara; 30. Tenente provisor Reis Rebelo; 31. Tenente Francisco Lopes; 32. Tenente Vitoriano José Carrasco; 33. Tenente João Carvalho de Vasconcelos; 34. Tenente Serrão Silva Machado.



nossos traiçoeiros visinhos do sul. Procuram eles o mais possível dis'arcar o seu infame trabalho de sapa e eximir-se a uma responsabilidade tremenda, mas sentia-se-lhe perfeitamente a influencia direta n'essas revoltas, algumas das quaes nos custaram muitas vidas.

Agora que elles já nada podem encobrir e lançaram a Europa n'uma guerra que ameaça estender-se ao mundo todo, entram-nos á mão armada pelas fronteiras, chacinam meia duzia de portugueses isolados n'um forte, contando que os indigenas fariam causa com elles e os ajudariam a penetrar no interior da provincia.

Enganaram-se redondamente. A sua selvageria, a sua baixa espionagem, e a sua falsa valentia já não iludem ninguém. Nem os pretos do sertão querem fazer causa commum com elles; vêem-se abandonados nas suas proprias colonias.

Em vez do auxilio, que

contavam comprar ao indigena, encontraram a seus deusas tropas e retrocederam depois d'aquella aggressão.

Mas essa proeza não deve ficar por castigar e, se tornarem a en rar a fronteira portugueza, que levem uma lição em fórma.

Angola é muito vasta e, consequentemente, a sua defeza demanda muitas forças. Apesar de importantes, as que já se encontram ali ainda não são suficientes e não sabemos se ainda o serão, juntas ás que estão prestes a partir. A hora é de sacrificios: estamos atravessando uma fase de complicações internacionaes, em que de um momento para o outro se pôde decidir de nós, não só como paiz colonial, mas ainda como estado independente.

Ou combatamos contra os alemães em Africa, ou no centro da Europa, combatemos egualmente pe'os nossos interesses mais vitaes, pela nossa auto-nomia.

1. Tenente Joaquim Antonio da Costa; 2. Tenente Pzes Andrade Baeta; 3. Tenente José Joaquim Ramires; 4. Tenente Laurino Vieira; 5. Tenente Adriano Corrêa de Almeida; 6. Tenente José Guerreiro de Oliveira Duarte; 7. Tenente veterinario Joaquim Paulo do Carmo; 8. Tenente Manuel Holbeche Corrêa de Freitas; 9. Alferees Santos de Leuzos; 10. Alferees José Miguel Garcia de Andrade; 11. Alferees medico Antonio d'Oliveira; 12. Alferees provisor Francisco Meio Junior; 13. Alferees provisor Antonio André Gomes; 14. Alferees provisor Abel Lopes de Almeida; 15. Alferees ajudante Afonso Ferreira May; 16. Alferees Holbeche Gaselido Branco; 17. Alferees Joaquim Alberto de Oliveira; 18. Alferees Manuel Farinha da Silva; 19. Alferees Teixeira de Almeida; 20. Alferees Candido Campos Penedo; 21. Alferees João Pedro Ruela; 22. Alferees Alberto Julio Carapeto; 23. Alferees Zarco Gomes Pereira da Câmara; 24. Alferees Joaquim Pedro de Faria; 25. Alferees Alvaro Damião Dias; 26. Alferees José Bernardo de Almeida Temudo; 27. Alferees Antonio Braz; 28. Alferees Manuel Manuel da Silva; 29. Alferees Benjamin Perin Goutinho; 30. Alferees veterinario Rito Baltazar Gomes Pereira; 31. Alferees Augusto Faico Pereira; 32. Alferees veterinario graduado tenente Antonio Lobo Costa; 33. Alferees João Francisco Paschoa; 34. Alferees José Fortunato Henriques



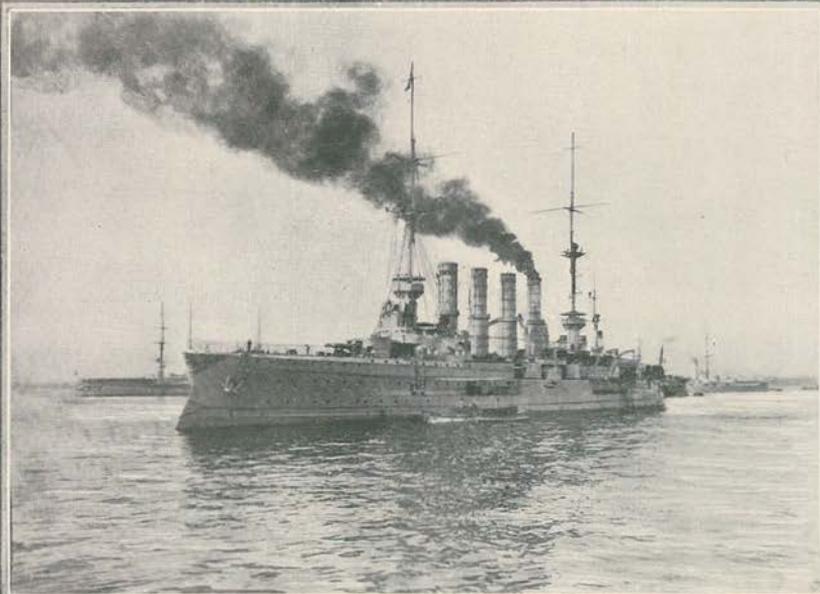
Companhia de ciclistas belgas partindo em reconhecimento.—(«Clíchê» M. Branger)



Refeição de oficiais francezes ao abrigo de uma cabana.—«Cliché» M. Branger).



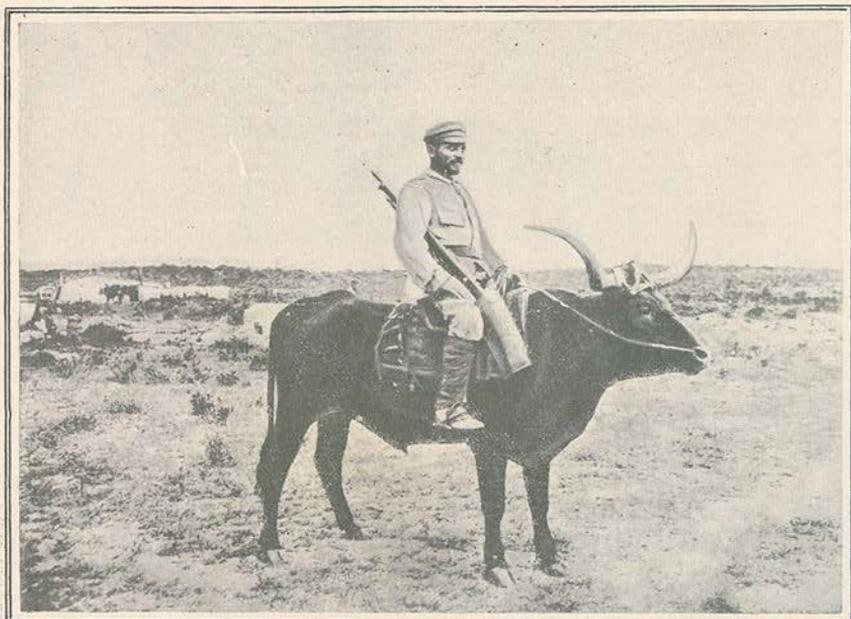
Tropas da Índia inglesa em França



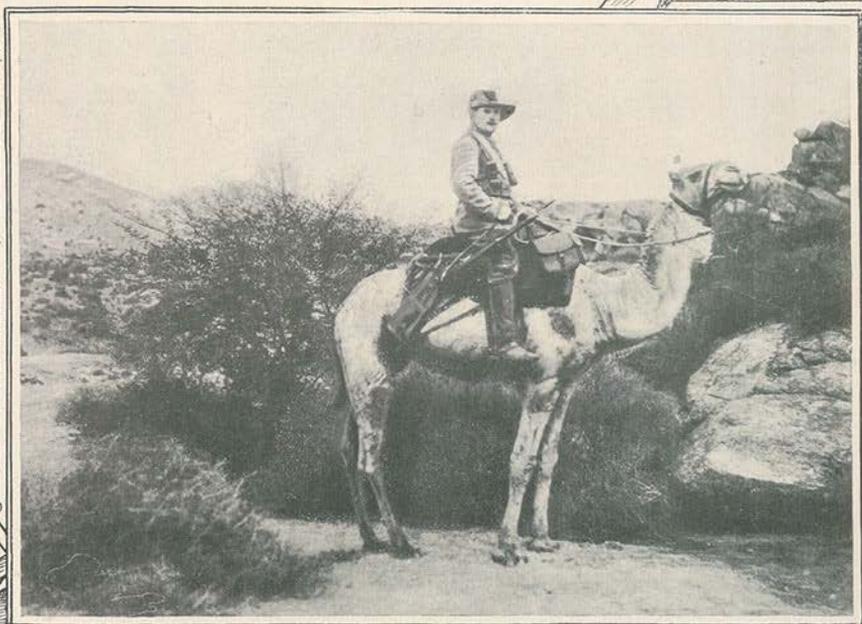
○ Cruzador alemão York que bateu n'uma mina e se despedaçou



Na frente do combate: Senegaleses limpando as armas.—(«Cliché» Chusseau Flaviens)



As tropas alemãs da África do Sul empregam o zebu de preferencia, por causa da sua grande resistencia



Soldado da colonia alemã do Camarão já tomada pelos aliados



Uma rua da cidade de Peroyse depois da passagem dos barbaros.—(«Clichés» Chusseau Flaviens).



Infanteria franceza: guarda avançada



*Prisioneiros alemães a apanhar batatas na Russia
(«Clíchês» M. Branger)*

TEATROS



A atriz Lucinda do Carmo, do Teatro Nacional



Dr. Ramada Curto, autor da peça A Sombra

"A SOMBRA" do sr. Ramada Curto, no Teatro Nacional:

A peça do sr. Ramada Curto trata um caso morbido de ciúme. Um engenheiro apaixonado por uma atriz, Luiza Gouveia, com quem passa a viver. Ela, retirada da cena, ama-o; ele ama-a. Ele, porém, tem um dia conhecimento de que, em outros tempos, essa mulher amou outro homem, dando-lhe corpo e alma — e essa recordação, como uma nuvem, começa a ensonbrar o pobre espírito do amante, até que o lança, desesperadamente, no suicídio. É a sombra — a sombra do outro erigida entre os dois — a sombra que não se desvanece, implacável, dominadora, escurecendo para sempre aquela vida sentimental.

O sr. Ramada Curto explora, pois, um caso de ciúme retrospectivo.

Max Nordau escreveu, a propósito de *Lys Rouge*, de Anatole France, sobre essa espécie morbida de ciúme, algumas coisas interessantes que o autor de *A Sombra* deve ter lido, ao conceber a sua obra. «O ciúme retrospectivo — diz o autor do *Vus du Dehors* — é incomparavelmente mais subtil que o ciúme d'Otelo, porque é excitado, não por seres vivos e presentes, mas por sombras, recordações, espectros.»



O ciúme de Otelo é o ciúme fisiológico — uma das formas por que se exerce o mecanismo da seleção sexual; o ciúme retrospectivo é o ciúme patológico. «O ciúme é uma doença do nosso temperamento, escreve Lucien Muhlfeld, que tem sobre o mesmo tema um romance original e belo, *Le Mauvais Désir*. — Ha pessoas que tem a diabetes, ha pessoas que têm a bicha solitaria e ha outras que são ciumentas».

Simplemente, Max Mordan considerava, e parece-me que com razão, o assunto como pouco teatral. «É desolador, é sem esperança — e o teatro vive de expectativa e de esperança». O crítico dos *Paradoxos psicologicos* chega a considerar esta forma de ciúme como «anti-dramatica».

Foi esta a dificuldade maxima, deante da qual outro escritor com menos aptidões sossobraria, que o sr. Ramada Curto teve de vencer, escrevendo *A Sombra*, fazendo d'ela tres actos intensos e veementes e teatralizando o árido assunto, com um real e autentico poder de creação cenica.

O autor das *Segundas Nupcias* é um soberbo dialogador e um notavel creador de tipos. Ha n' *A Sombra* cenas d'uma litteraria beleza, como a do final do 2.º acto e figuras admiravelmente traçadas, como a da creada *Mariana*, que deu a Lucinda do Carmo ensejo de realizar mais uma afirmação poderosa e modelar do seu glorioso talento.

A Sombra honra a triunfante mocidade do sr. Ramada Curto e o logar que ele já conquistou na dramaturgia portugueza.



Ilustrações de Hippolito Colomb.

A. DE C.

PÓ DE ABYSSINIA EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a **ASTHMA**
 Catarrho, Opressão
 35 Anos do Bom Exitto.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & Co
 8, Rue Dombasle
 PARIS
 E. BOAS PHARMACIAS



COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO *Sociedade anónima respons. limitada*

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	266.000\$000
Réis.....	930.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marana e Sobrinhão (Tomar), Penelo e Casal de Horeim (Louçã), Vale Maior (Abergarria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:
 LISBOA—270, Rua d Princeza, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Encomenda telegrafica em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.

Uma das officinas **VENDAS A RETALHO**

PRISÃO DE VENTRE
 O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
 Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

EU CURO A HERNIA SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conhece a alguém que padeça da hernia, o meu método, de cura, deve interessar-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas também faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o lugar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu método de cura depois das operações cirurgicas tem fraccasado. Os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios fisicos mais rudes, os quaes submetido a reconhecimentos medicos, os doutores certificarão a cura. Nenhuma pessoa herniada muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia e tão grave que não tenha cura.



Entre os multos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marnozos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 34 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz Mata, EXVENDADO (Beira Baixa) Portugal, um comerciante, que estava herniado havia 5 anos.
 Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método, e eu enviar-lhe-hei tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de se salvar a sua vida.—Dr. Wm. S. RICE (S. 825), 89, STONECUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.



Todos devem comprar na casa D. E. GOUVEIA & SILVA Succesor, 84, Rua d' Assunção, 86. Proximo á Rua do Ouro.

Natal
 240.000\$00

Bilhetes a 100\$00 e quadragessimos a 250

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL
 CURA AS **TOSSES**
FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com tudo 2 Frascos.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
 PARIS
 TELEPHONE: Gutenberg 42-019 ASCENSOR

"JUVENIA"

Restitue aos cabelos a sua cor primitiva sem nenhum dos inconvenientes das tinturas.

Não contém nitrato de prata

NÃO MANCHA A PELE

Elimina a caspa e fortalece o cabelo

Preço 800 réis
Pelo correio mais 150

Especialidades

DE

belleza

DA

CASA**"Leite Antifelico Maria"**

Tira as sardas, o pano do rosto, as manchas e todos os defeitos da pele. Aperta os póros, desinfeta, tira a oleosidade do rosto, é admiravel para expulsar os pontos negros

Usando este leite o rosto remoeça 10 anos

RECOMENDA-SE MUITO ESPECIALMENTE A TODAS AS SENHORAS.

Preço 800 réis
Pelo correio mais 150

PÊLOS E PENUGENS DESGRACIOSAS SÃO DESTRUIDOS INSTANTANEAMENTE PELO

**DEPILATORIO
IDEAL**

SEM PERIGO — SEM DOR — SEM DIFICULDADE
E' o melhor de todos

Preço 1.300 réis

Pelo correio mais 150 réis

"Água Alexandra"

Branqueia as mãos, tornando-as aveludadas.

Previne as tricrias e todos os maus efeitos do frio.

E' UMA FORMULA USADA
PELA RAINHA ALEXANDRA,
DE INGLATERRA

Preço 600 réis
Pelo correio mais 150

**"Au Bonheur
des Dames"**

PERFUMARIAS—CHAPEUS DE SENHORA
ARTE APLICADA

5, R. do Carmo, 7

LISBOA

Telefone 1715

"MEIOFAL"

Pó maravilhoso, antiseptico, microbicidea, adstringente de cheiro agradável para lavagens e irrigações

O uso diario do pó «Meiofal» dá á mulher o bem-estar e a saude ínfimas, pois cura as fiores brancas e todas as inflamações dos órgãos genito-urinar os.

Preço 520 réis
Pelo correio mais 150